

1

Introdução

Neste momento inicial, propõe-se discutir o contexto no qual este estudo está inserido, apresentar as motivações e os propósitos desta pesquisa e, também, expor resumidamente a estrutura do trabalho. Para tanto, esta introdução dividir-se-á em três seções, que intentam realizar o que se mencionou.

1.1. Ciência – Texto, publicação e poder

O fazer-ciência é necessário para dinamizar as engrenagens do mundo. Para uma experiência científica tornar-se conhecida, ela precisa ser transcrita, manifestada em signos linguísticos, em discurso escrito. Precisa ser divulgada, avaliada e validada por outros cientistas. A ciência, assim, se faz, se realiza, por meio da linguagem.

Discorrer sobre ciência sem especificar um campo de conhecimento é muito amplo. Atenhamo-nos às ciências biológicas. Focalizemos a literatura médica. A Medicina é uma área de conhecimento em constante evolução e revolução. A cada dia novas doenças são descobertas, diferentes tratamentos provam-se eficientes, fármacos apresentam um efeito adverso não ocorrido anteriormente, pessoas morrem por patologias ainda não conhecidas, novos vírus surgem, e o ponto de convergência de todos esses acontecimentos é onde eles se tornam observáveis: o ser humano.

Justamente por ser uma ciência diretamente relacionada à saúde humana, constantemente exposta a novos ambientes e diferentes situações, a Medicina é uma imensa área de conhecimento e pesquisa, na qual o surgimento de lacunas e a emergência de nichos de estudo são incessantes. Por esta razão, os artigos publicados em periódicos científicos ganham cada vez mais destaque e importância. Mas o que difere esses artigos de capítulos de livros, por exemplo?

Os periódicos científicos agilizam a publicação científica, são produzidos mais rapidamente do que os livros e envolvem uma vasta rede de informações

conectadas, por meio de diversas bases indexadoras. A publicação periódica atende melhor à necessidade da ciência em divulgar novos achados e relevantes descobertas o quanto antes, ainda mais neste início de século XXI, com o auxílio da rápida difusão de informação on-line. Entretanto, o que realmente diferencia o periódico de um livro é seu caráter legitimador.

Em oposição ao livro, cujo autor pode ser um médico-pesquisador que busca uma editora e publica seus estudos, o periódico atua como validador, pois, para ser divulgada em um periódico, a pesquisa precisa passar por uma avaliação feita por outros pesquisadores. O *peer review*, ou revisão por pares, é o constituinte básico de um periódico. Nesse processo, o trabalho aspirante à publicação é avaliado por um ou mais pesquisadores daquela área de conhecimento, que consideram a coerência, a clareza e a relevância do trabalho para a comunidade e emitem pareceres sobre a produção. Os pareceres são encaminhados ao editor-chefe do periódico (também especialista sobre o assunto), e servem como argumentos para sua decisão em publicar, ou não, determinada pesquisa. O trabalho, depois de publicado, passa por um novo processo de legitimação, desta vez sob o crivo dos leitores-pesquisadores, que podem corroborar e reverberar a pesquisa ao citá-la, referenciá-la em novos estudos. Nessa engrenagem, algumas questões emergiram ao longo do tempo. Buscaram-se formas de avaliar os periódicos e os pesquisadores. Diversos índices foram criados, como o fator de impacto, o índice “H” e o indicador “Qualis” (Brasil).

1.1.1.

Fator de impacto, índice H e indicador Qualis

O fator de impacto é o mais difundido dos índices bibliométricos utilizados para a produção científica, e o responsável por uma verdadeira corrida político-intelectual dos periódicos por um fator de impacto cada vez maior, para evidenciar sua importância e seu reconhecimento pela comunidade. Essa mensuração é obtida com base no número de citações recebidas em um determinado ano pelos trabalhos publicados naquele periódico nos dois anos anteriores, dividido pelo número de documentos “citáveis” publicados por aquele periódico nos mesmos dois anos (Moed, 1995, p. 461), como se evidencia em forma de equação.

$$FI = \frac{\text{N}^{\circ} \text{ de citações recebidas pelos documentos publicados no periódico nos últimos dois anos}}{\text{N}^{\circ} \text{ de documentos citáveis publicados no periódico nos mesmos dois anos}}$$

Já o índice de Hirsch, ou índice “H” (Hirsch, 2005), está mais atrelado aos pesquisadores do que ao periódico e baseia-se em uma métrica mais complexa. Um pesquisador tem índice “H” se H dos seus artigos publicados tiveram ao menos H citações cada um e se os outros artigos (publicados – H) têm H citações cada um. O índice H já foi reformulado por outros autores e tem sido considerado uma métrica mais robusta e está em voga na comunidade científica (Aoun *et al.*, 2012).

O indicador brasileiro Qualis diz respeito a um conjunto de procedimentos utilizados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para estratificar, de forma indireta, a qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação no Brasil, classificando os periódicos científicos em A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C. Os critérios de avaliação estão disponíveis em domínio público no portal da CAPES na internet.

1.1.2. Periódicos da área biomédica

Tendo em vista toda a importância da produção científica publicada em periódicos, a diferença existente entre os periódicos e os livros e o fato de haver diferentes métricas de avaliação da qualidade do conteúdo publicado neste meio, é natural perguntar-se que tipos de trabalhos são publicados, então, em periódicos da área biomédica.

Compõem estes periódicos os artigos originais (também denominados artigos de pesquisa ou artigos científicos), os artigos de revisão, os editoriais, as cartas ao editor, os relatos de caso, dentre outros. Os artigos originais propõem-se a divulgar, por meio da já consolidada estrutura IMR(A)D (introdução, métodos, resultados e discussão), um experimento científico. Os artigos de revisão realizam um panorama da literatura existente sobre aquele assunto e propõem um novo olhar sobre o tema. Os editoriais são textos mais livres, espécie de comunicação entre o editor-chefe (e o corpo editorial do periódico) e os leitores. As cartas ao editor geram o espaço para que os leitores façam considerações sobre artigos já publicados. Os relatos de caso descrevem o atendimento a um paciente em

particular, que destoa por algum motivo do que é comumente visto, e relacionam essa peculiaridade com a literatura sobre o assunto. Por isso, considera-se que os relatos de caso aproximam-se das clássicas anedotas contadas médico a médico ao início da profissionalização da Medicina, que revelavam, pela experiência empírica, o que não se mostrava nos compêndios teóricos.

É interessante destacar que artigos como os originais e de revisão são considerados de maior peso, mais “científicos” do que os editoriais e as cartas ao editor, por exemplo, pois estão atrelados a uma pesquisa ou a um experimento enquanto os editoriais e as cartas são textos mais opinativos. Há uma grande distância, inclusive, com relação às características discursivas desses dois grupos. Enquanto o primeiro realiza-se de maneira mais padronizada e rígida, buscando a impessoalidade, a formalidade, a clareza, a objetividade, o segundo grupo é composto por produções mais opinativas e menos impessoais. A categorização do relato de caso entre esses grupos é tema de polêmica da comunidade médica.

Há quem o considere um gênero extremamente relevante por seu caráter pedagógico e por ser a fonte para diversas novas pesquisas e experimentos, e há quem o considere um gênero inferior, por não demandar a realização de um experimento (Mason, 2001; Vandenbroucke, 2001; Walter *et al.*, 2001; Fenton *et al.*, 2004; Pierson, 2004). Para fomentar a discussão, o relato de caso tem sido usado por alguns periódicos como “manobra” para inflar o fator de impacto e, conseqüentemente, aumentar seu prestígio (Moed, 1996). Isso ocorre porque os relatos de caso são citados (as citações entram no numerador da equação), mas não são considerados documentos “citáveis” (ou seja, o número de relatos publicados não entra no denominador).

Nesta zona de conflito, o relato de caso emerge como um gênero discursivo relevante para a comunidade médica seja por sua função pedagógica e de embrião para novas pesquisas ou por seu mau uso relacionado a pretensões políticas dos periódicos. Aumentando nosso interesse, há o fato de o relato de caso não ter sido o foco de estudo de uma análise linguística anteriormente. Ou seja, diferentemente dos já bastante discutidos artigos originais, o objeto de estudo desta pesquisa mostra-se polêmico, mas pouco analisado por linguistas, justificando o olhar que aqui temos para ele. Ao buscarmos compreender melhor as manobras linguísticas que tipicamente enquadram a organização das informações no relato de caso, também vislumbramos de maneira mais privilegiada toda a polêmica.

1.2.

O propósito da pesquisa

A publicação ou não dos relatos de caso e a maneira como eles devem ser escritos já foram tema de diversos artigos na área biomédica (DeBakey e DeBakey, 1983b, 1984; Coccia e Ausman, 1987; Squires, 1989; Treasure, 1995; Iles e Piepho, 1996; Gottschlich, 2000; McCarthy e Reilly, 2000; Walter *et al.*, 2000; Wright e Kouroukis, 2000; Vandenbroucke, 1999, 2001; Martyn, 2002; Chelvarajah e Bycroft, 2004; Fenton *et al.*, 2004; Pierson, 2004; White, 2004; Green e Johnson, 2006; Jamjoom *et al.*, 2010, Kang, 2010), mas não de considerações de linguistas.

A percepção deste espaço para pesquisa em vista à polêmica já antiga sobre o relato de caso entre os pesquisadores da área médica foi um grande motivador para este estudo, além do fato de a autora desta pesquisa estar inserida em uma das maiores editoras de periódicos científicos do mundo, proporcionando uma visão mais ampla e empírica das implicações destas publicações na comunidade médico-científica. Ademais, as relações entre texto, sociedade e cultura são há muito tempo objeto de estudo da linguística, como aponta Bhatia (1996, p. 41), ao indicar que já em 1968 Bitzer fazia ponderações sobre formas retóricas recorrentes que se consolidavam no uso apesar de ainda não utilizar o termo “gênero”. Nesta pesquisa, por mais que não focalizemos a questão cultural, não podemos desconsiderar a cultura em seu sentido *lato*, como padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, etc. que distinguem um grupo social. Ter-se em mente a relação entre texto, sociedade e cultura é essencial para compreender-se o arcabouço teórico no qual se fundamenta este trabalho, e, conseqüentemente, para poder-se vislumbrar o objeto com as mesmas lentes usadas para a realização da análise.

Os textos serão vistos aqui por uma perspectiva retórico-discursiva, ou seja, crê-se que os escritores utilizam-se de textos para alcançar determinados objetivos ou realizar determinadas atividades dentro de um complexo contexto de relações sociais e institucionais (Bazerman, 1988, 2004; Bhatia, 1996; Miller, 1984; Swales, 1990). Por isso, é necessário, primeiramente, indicar o contexto que

envolve o objeto desta pesquisa, e também os escritores e leitores deste tipo de produção.

Tendo em vista o caráter pedagógico dos relatos de caso e o cerne da polêmica que os envolve, o presente trabalho almeja descobrir quais são as características que identificam e constituem o gênero discursivo relato de caso. Para tanto, pretende-se identificar, com base em Swales (1990, 2004), como se dá a organização das informações em relatos de caso e apresentar o padrão dessa organização. Com isso, podem-se sugerir os principais objetivos do relato de caso e justificar sua categorização ao lado dos artigos originais e de revisão ou ao lado dos editoriais e das cartas ao editor ou ainda, como um gênero distante de ambos os grupos. A pesquisa também contribui, de maneira pedagógica, aos possíveis autores de relatos futuros.

1.3.

A estruturação da pesquisa

No *Capítulo 2*, será realizada uma revisão das principais fundamentações teóricas sobre gêneros discursivos às quais este estudo recorreu. Alinhamo-nos à perspectiva sociorretórica sobre gêneros e são lembradas as contribuições de três estudiosos em especial: John Swales, Carolyn Miller e Charles Bazerman. Do trabalho de Swales, destacamos os conceitos de propósito comunicativo e de comunidade discursiva e o seu modelo CARS (*Create a Research Space*) de análise de movimentos retóricos. As noções de gênero como ação retórica tipificada e de tipificação, de Miller e Bazerman, também são extremamente relevantes para as bases conceituais deste estudo.

As relações entre linguagem e ciência e as políticas que envolvem a publicação científica, apresentadas rapidamente ao início do texto, serão mais bem tratadas no *Capítulo 3*. Será feita uma breve discussão sobre o que é ciência, partindo-se para um panorama das diversas orientações que seguiram os estudos acerca de linguagem e ciência, afunilando-se para o discurso médico escrito e o histórico da publicação de periódicos médicos. São também elencados diferentes gêneros discursivos publicados nesses periódicos e se discute a relação entre ciência e poder, de acordo com a perspectiva do sociólogo Pierre Bourdieu.

No *Capítulo 4* é apresentado o método adotado na análise do gênero relato de caso a que se propõe esta pesquisa.

No *Capítulo 5*, discorre-se sobre a análise, sobre o padrão de movimentos retóricos encontrado e sobre cada uma das subfunções pelas quais esses movimentos realizam-se. Faz-se, ainda, uma sucinta consideração sobre os títulos e as imagens, as tabelas, os esquemas e os gráficos presentes no relato de caso e sua participação na composição do sentido geral deste tipo de produção.

Finalmente, no *Capítulo 6*, expõem-se as considerações finais desta pesquisa.